

Ramatís
Atanagildo

O ALÉM
UM GUIA DE VIAGEM

Obra mediúnica psicografada
pelo médium Hercílio Maes

© 1957 Hercílio Maes

O ALÉM - UM GUIA DE VIAGEM
Ramatis e Atanagildo

Todos os direitos desta
edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Fone 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os
direitos autorais, é proibida a reprodu-
ção total ou parcial, de qualquer forma
ou por qualquer meio — eletrônico ou
mecânico, inclusive por processos xero-
gráficos, de fotocópia e de gravação —
sem permissão, por escrito, do Editor.

Revista por: B. Godoy Paiva
Organização: Mariléa de Castro
Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da Capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-476-8
1ª EDIÇÃO - 2019

- Impresso no Brasil
- Presita en Brazilo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ramatis (Espírito)

O Além - um guia de viagem / Ramatis, Ata-
nagildo ; obra mediúcnica ditada pelos espíritos
Ramatis e Atanagildo ao médium Hercílio Maes ;
organizada por Mariléa de Castro — Limeira, SP :
Editora do Conhecimento, 2019.

170 p.

ISBN 978-85-7618-476-8

1. Espiritismo 2. Vida espiritual 3. Morte - Aspectos
religiosos I. Maes, Hercílio 1913-1993 II. Atanagil-
do III. Castro, Mariléa de IV. Ramatis. A Vida Além
da Sepultura V. Título

19-1094

CDD - 130

Índices para catálogo sistemático:
1. Espiritismo : Desencarne 133.93

Ramatís
Atanagildo

O ALÉM

UM GUIA DE VIAGEM

Obra mediúnica psicografada
pelo médium Hercílio Maes
Organizada por Mariléa de Castro

1ª edição — 2019



Editora do Conhecimento

Obras de Ramatís:

Obras psicografadas por

HERCÍLIO MAES

- A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores – 1955
 - Mensagens do Astral – 1956
 - A Vida Além da Sepultura – 1957
- A Sobrevivência do Espírito – 1958
 - Fisiologia da Alma – 1959
 - Mediunismo – 1960
 - Mediunidade de Cura – 1963
 - O Sublime Peregrino – 1964
 - Elucidações do Além – 1964
 - Semeando e Colhendo – 1965
 - A Missão do Espiritismo – 1967
 - Magia de Redenção – 1967
- A Vida Humana e o Espírito Imortal – 1970
 - O Evangelho à Luz do Cosmo – 1974
- Sob a Luz do Espiritismo (Obra póstuma) – 1999

Obras psicografadas por

MARIA MARGARIDA LIGUORI

- O Homem e o Planeta Terra – 1999
- O Despertar da Consciência – 2000
 - Jornada de Luz – 2001
- Em Busca da Luz Interior – 2001

Obras psicografadas por

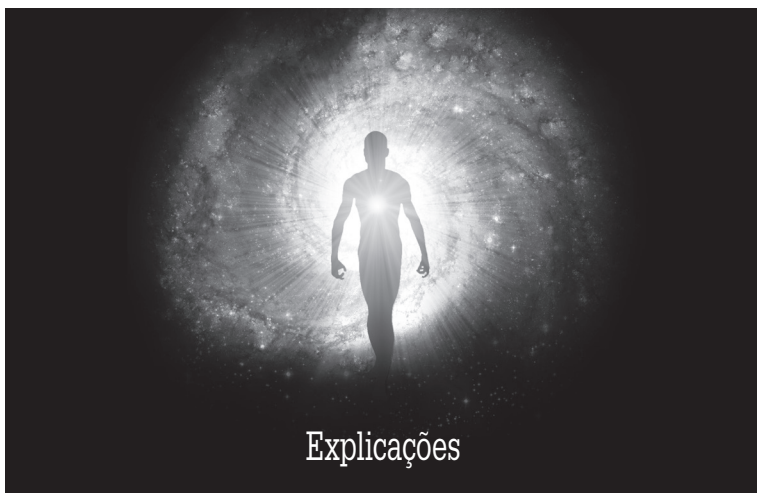
SÁVIO MENDONÇA

- O Vale dos Espíritos – 2015
 - Missão Planetária – 2016
- A Derradeira Chamada – 2017

À minha esposa Lôla, meus filhos Zeila,
Mauro e Yara, cujos sentimentos sela-
ram a nossa comunhão espiritual nesta
existência, auxiliando-me a realizar
esta singela tarefa no seio do lar amigo
e da paz benfeitora.



Explicações.....	9
1 - A caminho do Além	12
2 - Primeiras impressões	25
3 - A metrópole do Grande Coração	39
4 - Noções preliminares sobre o Além	52
5 - Noções gerais sobre o panorama Astral	56
6 - Residências e edificações	69
7 - Considerações sobre a desencarnação	78
8 - As relações entre vivos e mortos	107
9 - A desencarnação e seus aspectos críticos	118
10 - Influências do “velório” sobre o espírito	128
11 - A eutanásia e as responsabilidades espirituais	133
12 - Espíritos assistentes das desencarnações	148



Estimado leitor:

Na presente obra intervém outro espírito, além de Ramatis, que dá-se o nome de Atanagildo, e que relatou minuciosamente todos os fenômenos ocorridos durante a sua desencarnação no Brasil, como também respondeu a todas as perguntas que se relacionavam com sua vida no Além.

Ramatis, entretanto, é o idealizador, o coordenador e o responsável por este livro, no qual também participa.^[1] Há algum tempo já lhe havíamos pedido que nos ditasse algum trabalho descrevendo os fenômenos geralmente verificados na ocasião da desencarnação dos terrestres, e nos relatasse alguns acontecimentos peculiares à vida dos espíritos no Mundo Astral.

A princípio, pensávamos que Ramatis iria nos relatar suas impressões e os acontecimentos que acompanharam sua desencarnação na última existência passada na Indochina. No entanto, compreendemos logo que isso lhe seria um tanto dificultoso e de pouco proveito para nós, quer por se tratar de espírito que não vive habitualmente em qualquer colônia situada no Astral do Brasil, como porque o seu trespasse, ocorrido há quase mil anos, no Oriente, não nos ofereceria assunto apro-

¹ Na obra-base, *A Vida Além da Sepultura*", da qual o presente livro é um excerto, encontram-se quatro capítulos ditados exclusivamente por Ramatis, que não foram incluídos por se distanciarem do foco estrito previsto para esta (N.E.).

priado aos nossos costumes e reflexões ocidentais.

Ramatís considerou inoportuna a ideia de se rememorem os detalhes da sua longínqua desencarnação, ocorrida na Indochina, e que considera despida de situações dramáticas ou dignas de menção para as nossas indagações. Escusou-se dessa tarefa, mas prometeu-nos trazer, oportunamente, outro espírito amigo, desencarnado no Brasil, que nos pudesse descrever o que desejávamos e fosse bastante capacitado para narrar-nos alguns esclarecimentos registrados na sua moradia astralina. Assim, recebemos a visita de Atanagildo, espírito intimamente ligado ao grupo liderado por Ramatís, e que foi seu discípulo algumas vezes, principalmente na Grécia.

Na sua última romagem Atanagildo habitou o Brasil, iniciando esta obra com a narrativa de sua última desencarnação, e deu-nos motivo a que formulássemos interessantes perguntas a ele e a Ramatís. Acreditamos que, nesta obra, o leitor conseguirá distinguir o estilo de Atanagildo, às vezes num tom de surpresa, outras impregnado de certo humorismo, diferindo em relação à argumentação filosófica e o poder de síntese próprios de Ramatís.

Em virtude de ambos os espíritos operarem intimamente ligados na confecção desta obra, verifiquei inúmeras vezes que, enquanto algumas respostas eram dadas por Atanagildo, fluíam-me pela mente inúmeras considerações e comparações filosóficas que ampliavam mais detalhadamente as respostas, e traíam perfeitamente a intromissão de Ramatís, assim como o identificavam acionando-me à altura do cerebelo. Mais tarde pude realmente comprovar melhor que o trabalho era feito com ambos os espíritos operando mutuamente, pois diante de qualquer vacilação e demora na resposta de Atanagildo, verificava a interferência de Ramatís, que então explicava melhor o assunto da maneira que lhe é peculiar. Mas, apesar disso, as respostas de Ramatís ficavam sempre como de autoria de Atanagildo, a quem cabia o mérito de tudo. Esse fenômeno constituiu para mim um salutar aprendizado, pois pude avaliar da rapidez e da segurança do raciocínio de Ramatís, comparando suas respostas com o demorado e às vezes dificultoso modo com que Atanagildo chegava às suas conclusões.

Atanagildo é afeito à mesma índole universalista do seu mentor e amigo. Ligou-se a Ramatís desde antes do êxodo dos hebreus do Egito, tendo-o acompanhado em várias existências. O seu modo eclético é muito comum a todos os discípulos, admiradores e à maioria das leitoras de Ramatís que, em número de alguns milhares, permaneceram mais tempo encarnados no Oriente.

Atanagildo viveu várias vezes na Grécia e, embora não estejamos autorizados a fornecer detalhes do seu passado, ele ainda traz grande influência adquirida naquelas reencarnações entre os gregos, das quais sabemos ter sido a mais importante entre os anos de 441 e 384 a.C., época em que também vivia Ramatís, na figura de conhecido mentor helênico.^[2] Eis por que o leitor não deverá estranhar certo humorismo e ditos satíricos de Atanagildo, ainda o produto psicológico da velha irreverência dos gregos de sua época, acostumados a ironizar as instituições demasiadamente sisudas e dramáticas. Quando intercala suas respostas com certas conclusões humorísticas, não o faz para formular gracejos extemporâneos, mas apenas para melhor despertar o leitor.

Oxalá possam estas mensagens mediúnicas aumentar o ânimo e a esperança daqueles que se atemorizam diante da morte do corpo, e beneficiar alguns corações abatidos pela incerteza do dia de amanhã.

Curitiba, 27 de outubro de 1957
Hercílio Maes

2 Hoje já é de amplo conhecimento ter sido ele Pitágoras de Samos, o luminoso filósofo e matemático (N.E.).



1. A caminho do Além

PERGUNTA: — Valendo-nos de vossa promessa, feita em reunião passada, desejaríamos receber impressões sobre a vossa desencarnação, bem como sobre os demais acontecimentos que se verificaram após o desligamento do vosso corpo físico. Ser-vos-ia possível atender-nos nesse propósito?

ATANAGILDO: — Eu havia completado vinte e oito anos de idade e guardava o leito, acometido de complicada inflamação nos rins, enquanto o médico da família esgotava todos os recursos para diminuir a cota de ureia que me envenenava o corpo, causando-me terrível opressão que parecia esmagar-me o peito. Em face da minha angústia, que aumentava de momento a momento, procurei explicar ao médico o que sentia, ansioso de um alívio, mesmo que fosse por breves instantes. Mas estranhava, ao mesmo tempo, que, à medida que baixava a minha temperatura, aguçavam-se-me os sentidos; algumas vezes tinha a impressão de que era o centro consciente, absoluto, de toda a agitação que se fazia em torno de meu leito, porque captava o mais sutil murmúrio dos presentes. De modo algum poderia compreender a natureza do estranho fenômeno que me dominava, pois, à medida que recrudescia a minha faculdade de ouvir e sentir, também em minha alma se fazia misterioso barulho, como se esquisita voz sem som me gritasse num tom desesperado.

Era terrível associação psicológica; algo desconhecido, que

se impunha e me bradava sinal de perigo, rogando-me urgente coordenação e rápido ajuste mental. Das fibras mais íntimas de minha alma partia violento apelo, que me exigia imediata atenção, a fim de que eu providenciasse os meios necessários para eliminar um iminente perigo invisível. Subitamente, a voz do médico se fez ouvir, com inusitada veemência:

— Depressa! O óleo canforado!

Então, invisível torpor já não me deixava agir e do imo de minha alma começava a crescer o impacto invasor, que principiava a agir sobre a minha consciência em vigília; depois, num implacável crescendo, percebia que no meu ser eclodia um angustiado esforço de sobrevivência, que se produzia pelo instinto de conservação. Tentei reunir as derradeiras forças que se me esvaíam, a fim de rogar o socorro precioso do médico e avisá-lo de que carecia de sua imediata intervenção. Entretanto, sob forte emoção e instintivamente atemorizado, eis que ouvi-o dizer desalentado:

— Nada mais se pode fazer! Conformem-se, porque o senhor Atanagildo já deixou de existir!

Meu corpo já devia estar paralisado, mas, pelo choque vivíssimo que recebeu a mente, compreendi perfeitamente aquele aviso misterioso que antes se evolará do âmago de minha alma; fora o desesperado esforço que o instinto animal dispendera para que eu ainda comandasse o psiquismo sustentador das células cansadas. A comunicação do médico gelou-me definitivamente as entranhas, se é que ainda existia nelas algum calor de vida animal. Embora eu sempre tivesse sido devotado estudioso do Espiritismo filosófico e científico, do mundo terreno, é inútil tentar descrever-vos o terrível sentimento de abandono e a aflição que me tomaram a alma, naquele momento. Eu não temia a morte, mas partia da Terra exatamente no momento em que mais desejava viver, porque principiava a realizar projetos amadurecidos desde a infância e, além disso, estava próximo de constituir o meu lar, que também fazia parte do meu programa de atividades futuras.

Quis abrir os olhos, mas as pálpebras pesavam-me como chumbo; envidei hercúleos esforços para efetuar qualquer movimento, por mais débil que fosse, na esperança de que

os presentes descobrissem que eu ainda não “morrera”, o que de modo algum podia acreditar, tal era a minha agudeza interior. Então, repercutiu-se violentamente esse esforço pela rede “psico-mental” e ainda mais se avivaram os sentidos já aguçados da alma, os quais transmitiam-me as notícias do mundo físico, por meio de exótico sistema telefônico que eu sempre ignorara possuir. Sentia-me colado à pele ou às carnes cada vez mais frígidas, como se estivesse despido e apoiado sobre geladas paredes de cimento em manhã hibernal. Apesar desse estranho frio, que eu supunha residir exclusivamente no sistema nervoso, podia ouvir todas as vozes dos “vivos”, os seus soluços, clamores e descontroles emocionais junto ao meu corpo.

Por meio desse delicadíssimo sentido oculto e predominante noutro plano vibratório, pressenti quando minha mãe se debruçou sobre mim e ouvi-a pronunciar:

— Atanagildo, meu filho! Não podes morrer; tu és tão moço!...

Senti a dor imensa e atroz que lhe ia pela alma, mas eu me encontrava algemado à matéria hirta, não podendo transmitir-lhe o mais débil sinal e aliviá-la com a sedativa comunicação de que ainda me encontrava vivo. Em seguida, achem-se vizinhos, amigos e talvez algum curioso, pois eu os pressentia sempre e captava-lhes o diálogo, embora tudo me ocorresse sob estranhas condições psíquicas, porquanto não assinalava nenhuma vibração por intermédio dos sentidos comuns do corpo físico. Sentia-me, por vezes, suspenso entre as duas margens limítrofes de dois mundos misteriosamente conhecidos, mas terrivelmente ausentes! Às vezes, como se o olfato se me aguçasse novamente pressentia o cheiro acre do álcool que servia para a seringa hipodérmica, assim como algo parecido ao forte odor do óleo canforado. Mas tudo isso se realizava no silêncio grave de minha alma, porquanto não identificava os quadros exteriores, assim como não conseguia avaliar com exatidão o que devia estar me acontecendo; permanecia oscilando, continuamente, entre as sensações de um pesadelo mórbido. De vez em quando, por força dessa acuidade psíquica, o fenômeno se invertia; então eu me via centuplicado em todas as reflexões espirituais, no estranho

paradoxo de me reconhecer muito mais vivo do que antes da enfermidade que me vitimara.

Durante a minha existência terrena, desde a idade de dezoito anos, eu desenvolvera bastante os meus poderes mentais com exercícios de natureza esotérica. Por isso, mesmo naquela hora nevrálgica da desencarnação, conseguia manter-me em atitude positiva, sem me deixar escravizar completamente pelo fenômeno da morte física; eu podia examiná-lo atentamente, porque já era espírito dominado pela ideia da imortalidade. Postado entre dois mundos tão antagônicos, sentindo-me no limiar da vida e da morte, guardava uma vaga lembrança de que aquilo já me havia ocorrido, alhures, e que esse acontecimento não me parecia suceder-se pela primeira vez. O raciocínio espiritual fluía com nitidez e a íntima sensação de existir, independentemente de passado ou de futuro, chegava a vencer as impressões agudíssimas, que por vezes me situavam em indomável turbilhão de energias que se punham em conflito na intimidade de meu perispírito.

Mas, de súbito, outro sentimento se me apresentou angustioso e também me dominou com inesperado temor e violência; foi algo apocalíptico e que, apesar de minha experiência mental positiva e controle emotivo, me fez estremecer ante a sua proverbial realidade. Reconhecia-me vivo, na plenitude de minhas faculdades psíquicas; em consequência, não estava morto, mas também nem vivo ou livre do corpo material. Sem qualquer dúvida, achava-me preso ao organismo carnal, pois que sensações tão nítidas só podiam ser transmitidas através do meu sistema nervoso. Desde que o sistema nervoso ainda estivesse cumprindo a sua admirável função de me relacionar com o ambiente exterior, obviamente eu também estaria vivo no mundo físico, embora sem poder reagir, por ter sido vitimado por qualquer acontecimento grave.

Não guardei mais ilusões; acreditei que fora vítima de violento ataque cataléptico e, se não me acordassem em tempo, eu seria enterrado vivo. Já antevia o horror do túmulo gélido, os movimentos das ratazanas, a infiltração da umidade da terra no meu corpo e o odor repugnante dos cadáveres em decomposição. Colado àquele fardo inerte, que já não

atendia aos apelos aflitivos do meu comando mental e ameaçava não despertar em tempo, previa a tétrica possibilidade de assistir impassível ao meu próprio enterro.

Em seguida, nova e estranha impressão principiou a se apossar de minha alma; primeiramente se manifestava como um afrouxamento inesperado, daquela rigidez cadavérica; depois, um refluxo coordenado para dentro de mim mesmo, que me deixou mais inquieto e assinalava algo de acusatório. Se não exagero, ao considerar o fenômeno que ocorria, tinha a impressão de estar sendo virado pelo avesso, pois a memória recuava paulatinamente, através de minha última existência, e enchia-me de assombro pela clareza com que passava a rever todos os passos de minha existência. Os acontecimentos se desenrolavam na tela mental do meu espírito à semelhança de vivíssima projeção cinematográfica. Tratava-se de incrível fenômeno, em que eram projetados todos os movimentos mais intensos de minha vida mental; os quadros se sobrepunham, em recuo, para depois se esfumarem, como nos filmes, quando determinadas cenas são substituídas por outras mais nítidas. Eu decrescia em idade; remoçava, e os meus sonhos fluíam para trás, alcançando as suas origens e os primeiros bulícios da mente inquieta. Perdia-me naquele ondular de quadros contínuos e gozava de euforia espiritual quando entrevia atitudes e fatos dignos e podia comprovar que agira de ânimo heroico e inspirado por sentimentos benfeitores. Só então pude avaliar a grandeza do bem; espantava-me de que um simples sorriso de agradecimento, nessa evocação interior e pessoal, ou então a minúscula dádiva que havia feito em fraternal descuido, pudesse despertar em meu espírito essas alegrias tão infantis. Esquecera-me da situação funesta em que me encontrava para acompanhar com incontido júbilo os pequeninos sucessos projetados em meu cérebro etérico; identificava a moeda doada com ternura, a palavra dita com amor, a preocupação sincera para resolver o problema do próximo, ou então o esforço para suavizar a maledicência para com o irmão desajustado. Ainda pude rever, com certo êxtase, alguns atos que praticara com sacrificial renúncia, porque não só perdera na competição do mundo material, como ainda humilhara-me a

favor de adversário necessitado de compreensão espiritual.

Se naquele instante me fosse dado retomar o corpo físico e levá-lo novamente ao tráfego do mundo terreno, aquelas emoções e estímulos divinos teriam exercido tal influência benéfica em minha alma, que os meus atos futuros justificariam a minha canonização depois da morte física. Mas, em contraposição, não faltaram também os atos indelicados e as estultices do moço ardendo em desejos carnavais; senti, subitamente, quando as cenas se me tornavam acusatórias; referindo-se às atitudes egocêntricas da juventude avara de seus bens materiais, quando ainda me dominava a volúpia de possuir o “melhor” e superar o ambiente pela ridícula superioridade da figura humana. Também sofri pelo meu descuidismo espiritual da mocidade leviana; fui estigmatizado pelas cenas evocativas dos ambientes deletérios, quando o animal se espoja nas sensações lúbricas. Não era uma acusação endereçada propriamente a uma natureza devassa, coisa que, felizmente, não ocorrera comigo, mesmo na fase da experiência sexual, mas que comprovava, naquele momento retrospectivo, que a alma realmente interessada nos valores angélicos deve sempre repudiar o ambiente lodoso da prostituição da carne. No quadro de minha mente superexcitada, eu identificara os momentos em que a fera do sexo, como força indomável, me atraía ao limiar do charco em que se debatem as infelizes irmãs deserddadas da ventura doméstica.

A projeção cinematográfica ainda continuava fluente em minha tela mental, quando reconheci a fase do aprendizado escolar e, depois, os folguedos da infância, cujos quadros, por serem os de menor importância na responsabilidade da consciência espiritual, tiveram fugaz duração. Espantadíssimo, creio que por causa da disciplina e dos êxitos dos meus estudos esotéricos, pude identificar um berço guarnecido de rendas, reconhecendo-me na figura de um rosado bebê, cujas mãos buliçosas e o corpo tenro eram objetos de júbilo e afagos de dois seres, que se debruçavam sobre mim — meus pais! Mas o que me deixava intrigado e confuso é que, no seio dessa figura tão diminuta, de recém-nascido, sentia-me com a consciência algo desperta e dona de impressões vividas num passado remoto. Parecia-me envidar tremendos

esforços para vencer aquele corpinho delicado e romper as algemas da carne, na tentativa de transmitir palavras inteligíveis e pensamentos adultos. Detrás da figura do bebê inquieto, com profundo espanto, eu reconhecia a “outra” realidade de mim mesmo.

Atento ao fenômeno dessa evocação psíquica, tal como se vivesse o papel de principal ator em movimentado filme cinematográfico, chegava a estranhar o motivo daquelas imagens retroativas terem se interrompido e findado naquele berço enfeitado, quando “algo”, em mim, teimava em dizer que eu me prolongava além, muito além daquela forma infantil.

Percebi, repentinamente, que a vontade bastante desenvolvida na prática ocultista me exauria ante o esforço de prosseguir para trás, certo de que, sob o meu desenvolvimento mental, eu terminaria desprendendo-me do bebê rechonchudo, que traçava o limite de minha existência, para alcançar o que deveria “existir” muito antes da consciência configurada pela personalidade de Atanagildo. Confiante nas minhas próprias energias mentais, à semelhança do piloto que deposita fé absoluta em sua aeronave, não temi os resultados posteriores, pois, ousadamente, sob poderoso esforço quase heroico, desejei ir mais além e transpor aquele berço enfeitado de rendas, que significava a barreira do meu saber, mas não o limite do meu existir. Havia um mundo desconhecido mais além daquele diminuto corpo focalizado na minha retina espiritual, mundo que tentei devassar, embora manietado em terrível transe que supunha de ordem cataléptica.

Sob poderosa concentração de minha vontade, coordenei todas as minhas forças mentais disponíveis, ativando-as num feixe altamente energético e, decididamente, como se movesse vigoroso ariete, arremeti para além do misterioso véu que deveria esconder o meu próprio prolongamento espiritual. Atirei-me, incondicionalmente, na estranha aventura de buscar a mim mesmo, conseguindo desatar os laços frágeis que ligavam a minha memória etérica à figura daquele atraente bebê rosado. Então consegui comprovar o maravilhoso poder da vontade a serviço da alma resoluta; sob esse esforço tenaz, perseverante e quase prodigioso, rompeu-se a cortina que me separava do passado. Surpreso e confuso, senti-me envolvido

por festivo badalar de sinos possantes e, ao mesmo tempo, ouvia o rumor de grande algazarra a determinada distância de onde devia me encontrar.

Enquanto as ondulações sonoras do bronze inundavam o ar, senti-me envolvido pela brisa agreste, impregnada de um perfume próprio do lírio ou de flores familiares às margens dos lagos ou dos rios, ao mesmo tempo que uma nesga de um céu azul-esbranquiçado, comum aos dias hibernais, volteou exoticamente sobre mim. Ainda pude compreender que me encontrava suspenso, no ar, pois fui agitado por vigoroso balanço, enquanto forcejava para romper as cordas que me imobilizavam, contra a vontade. Sob a pressão de calejada mão suarenta, que me comprimia os lábios, estava impedido de gritar, enquanto violenta dor fazia-me arder o peito e a garganta. Parei um pouco, acima do solo e, subitamente, num impulso mais forte, fui atirado ao seio de água pantanosa, onde o perfume dos lírios se confundia com o malcheiroso visco da lama do rio. Quando mergulhei, ouvi ainda o bimbalar dos sinos de bronze e as vozes humanas num tom festivo; pouco a pouco, tudo se foi perdendo num eco longínquo, enquanto os meus pulmões se sufocavam com a água suja e frígida.

Esse rápido entreato da cessação de minha consciência, no mergulho das águas geladas, fez-se perder o cordel das imagens que se reproduziam na minha memória perispiritual e, como se retornasse de profundo pesadelo, senti-me novamente na personalidade de Atanagildo, vivo mentalmente, mas preso a um corpo de carne inteiriçada.

Mais tarde, quando já de posse da memória de minha última existência, pude então identificar aquela cena, ocorrida na França em meados do século XVIII, quando eu fora surpreendido, de tocaia, por meus rivais enciumados da minha afeição por determinada jovem, os quais, depois de ferirem-me na garganta e no peito, lançaram-me no rio Sena, atrás da igreja de Notre Dame, justamente na manhã em que se realizavam importantes comemorações religiosas. Por isso, no meu transe psicométrico de retorno ao passado, ocorrido durante a última desencarnação, eu sentia reviver a sensação da água frígida em que fora atirado, pois a cena se reavivou fortemente no

meu perispírito, assim que se conjugaram as forças vitais, em efervescência, para evitar o meu desenlace.

Após aquela reprodução da queda no rio Sena, e quando eu ainda pensava no trágico acontecimento, recrudesceram dentro de mim as vozes e os soluços mais ardentes; a imagem do passado esfumou-se rapidamente e reconheci-me ligado de novo ao corpo hirto. Não tardei em adivinhar que Cidália, minha noiva, havia chegado à minha casa e se debruçava desesperadamente sobre o meu cadáver, deixando-se açoitara pela dor pungente da separação dolorosa. Então, avivou-se-me com mais violência a terrível ideia de que fora vitimado pelo sono cataléptico!...

Imensamente surpreso, pude notar que as minhas reminiscências cinematográficas, que haviam reproduzido no meu cérebro toda a existência transcorrida desde o berço e, além disso, revelado um detalhe da cena ocorrida na França, não haviam durado mais do que um ou dois minutos. Era o tempo exato que Cidália deveria ter gasto para vir de sua casa até o meu lar, assim que a avisaram de minha suposta morte, pois residia a uma quadra de distância. Mais tarde, pude compreender melhor esse fato, quando de posse da consciência espiritual desligada da matéria.

Em tão curto espaço de tempo, eu pude rever os principais acontecimentos de minha última existência, no Brasil, e ainda contemplar o quadro derradeiro da reencarnação anterior.

Mas em breve renovou-se-me o ânimo e eu me tornei algo indiferente à situação grave em que me encontrava, pois já havia comprovado, em mim mesmo, a imortalidade ou a sobrevivência indiscutível do espírito, o que atenuou-me o receio de sucumbir, mesmo diante da apavorante probabilidade de ser enterrado vivo. Graças ao poder de minha vontade disciplinada, impus certa tranquilidade ao meu psiquismo inquieto, controlando emoções e preparando-me para não perder o mínimo detalhe dos acontecimentos, pois mesmo ali, no limiar da “morte”, o meu espírito não perdia o seu precioso tempo e tentava engrandecer a sua bagagem imortal. Mas, ainda em obediência aos fortes imperativos do instinto de conservação, reuni novamente as forças dispersas e tentei provocar um influxo de vitalidade no meu organismo inerte,